

Todo amor aos pobres

O historiador Carroll Quigley, em sua obra magna *Tragedy and Hope*, apresenta uma teoria que explora como a tecnologia militar influencia as estruturas políticas, determinando a possibilidade de democracia ou autocracia em uma sociedade. Ele argumenta que a complexidade e o custo das armas desempenham um papel decisivo: armas simples e acessíveis tendem a favorecer sistemas democráticos, enquanto armas complexas e caras sustentam regimes autoritários.

Quando as armas são simples e acessíveis à maioria da população – como arcos, lanças ou armas de fogo rudimentares –, os cidadãos podem se armar para defender seus interesses, o que pressiona as elites a dividir o poder e promove sistemas políticos mais inclusivos. Um exemplo histórico disso é a Grécia Antiga, onde a falange hoplítica, composta por soldados-cidadãos, contribuiu para o surgimento de democracias como a de Atenas.

Por outro lado, armas complexas, como tanques, aviões, mísseis e até mesmo cavalos na Idade Média, exigem recursos financeiros elevados e controle especializado. Isso concentra o poder nas mãos das elites, fortalecendo regimes autocráticos. Essas tecnologias requerem uma estrutura hierárquica e grandes investimentos, criando barreiras para a participação popular.

Quigley sustenta que regimes democráticos dependem do acesso do cidadão comum a meios de defesa, enquanto a centralização do poder ocorre quando o controle das armas está restrito às elites.

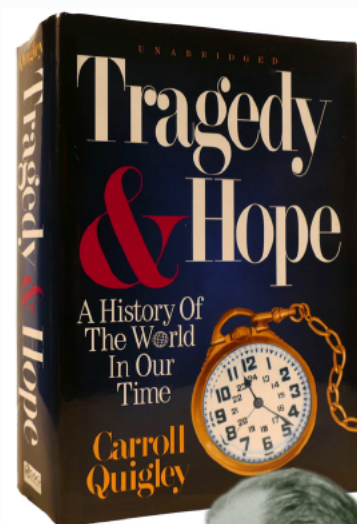
Agora, aplicando essa teoria à nossa realidade nacional, vemos que grande parte do poder está concentrada nas mãos de poucos, enquanto os cidadãos comuns têm cada vez menos meios de defesa, seja no sentido literal, seja no sentido figurado.

O objetivo aqui, ao trazer a teoria de Quigley, não é discutir armas, mas sim questionar como a economia e o direito podem funcionar como instrumentos de coerção.

Com a matematização da economia e a dogmatização do direito – isto é, reduzindo a economia a números e o direito a normas inflexíveis –, o manejo das instituições públicas e sua organização tornam-se contraintuitivos, altamente técnicos e hierárquicos.

Não se trata apenas de protocolos para lançar aviões ou bombas; agora, a própria economia e a operação básica do direito tornaram-se antidemocráticas. Para enriquecer, já não basta produzir; para exercer

- Segundo a tese de Carroll Quigley, quanto mais complexas são as armas, menor a probabilidade de se desenvolver a democracia
- No Brasil, o governo tenta nos desaparelhar através da esfera da informação
- É preciso especular sobre o quanto nosso sistema econômico e institucional se transformou em uma arma de repressão



seus direitos, já não basta ser cidadão.

Enquanto isso, o governo avança para restringir ainda mais a liberdade de expressão. Sob o pretexto de combater "anúncios fraudulentos", o marco dos serviços digitais busca criar agências reguladoras com poder de retirar conteúdos do ar. A quantos passos isto está da censura explícita? Quanto tempo até que "anúncios fraudulentos" se tornem "conteúdos antidemocráticos"?

O governo quer claramente desarmar o cidadão, retirando-lhe o acesso à informação e a meios de expressar suas opiniões.

E por que não desejar também a sua pobreza?

Recentemente, Lula lançou mais uma "aliança contra a fome". Mas será que temos tantos famintos assim, ou isso atende mais a interesses políticos do que a necessidades reais? Lula deveria promover pactos pela prosperidade econômica, produção e crescimento.

Este é o nosso presidente: apaixonado pela pobreza, e não pela prosperidade. Dedicou seu amor aos pobres, mas rechaça a ideia de crescimento econômico e desenvolvimento real.

